

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

A INDISCIPLINA E O DIRETOR

Aluna: Maria Aparecida Godói Kazakevich

Orientadora: Ida Hammerschmitt

Curitiba, fevereiro de 2010.

1- Introdução

Para dar início a este trabalho vou adotar a visão de disciplina de Michel Foucault que nos diz que “é a disciplina um instrumento de dominação e controle destinado a suprimir ou domesticar os comportamentos divergentes [...]” (2006)

Sobre como encaminhar a questão da autoridade na escola e como lidar com os problemas de indisciplina do aluno, muitas vezes os professores fazem ameaças de chamar a diretora ou mandar os alunos para a diretoria e é aí que o diretor deve entrar na relação professor-aluno, pois alguns professores não conseguem ser severos com os alunos e dizem que é a falta de condição socioeconômica dos alunos e de todas as implicações, segundo eles, negativas (sujeitos, mal-educados, pobres...) para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Colocam-se sempre em uma posição diferenciada dos mesmos. Professores e alunos na escola não se sentem parceiros. Situam-se entrincheirados em lados opostos.

Assuntos como o tema “autoritarismo”, considerado fundamental para analisar e buscar alternativas para o quadro de indisciplina geral dos alunos, fator de angústia de todos os professores e de desgaste de todos os níveis de relações existentes no cotidiano da escola devem ser discutidos e não deixados de lado em função das emergências de última hora.

A disciplina e a indisciplina são um produto das relações pedagógicas estabelecidas entre os diversos protagonistas da realidade escolar. Para se compreender o que é indisciplina, a escola tem de entender-se primeiro sobre a disciplina, isto é, sobre o conjunto de comportamentos que considera aceitáveis, sob o ponto de vista pedagógico e social, para aquelas pessoas, naquele contexto. Se a escola tiver esses padrões bem definidos e sendo levado a sério daí sim pode se identificar o que é ser indisciplinado.

A instituição escolar que se conhece muito valorizou, e ainda valoriza, a homogeneidade, o que, conseqüentemente, leva ao entendimento de que a relação entre a escola e a diversidade ainda precisa ser construída.

De acordo com a literatura (LOBATO, 2006; OLIVEIRA, M., 2002; PAPPA, 2004), os comportamentos que mais são apontados pelos professores como indisciplinados incluem condutas e atitudes como agressão física (brigas e empurrões) e agressão verbal (xingamentos, ofensas e ameaças) entre os alunos. As condutas relacionadas ao professor também aparecem em outros estudos. Oliveira (2002) menciona as seguintes atitudes: responder ao professor com ofensivas, faltar com o respeito, teimar, desobedecer às regras previamente estabelecidas. Pappa (2004) questiona a desobediência, a zombaria, o vandalismo, os insultos, os gestos ofensivos e a discussão com professores. Lobato (2006) chama de violência simbólica o desrespeito ao professor caracterizado por rebeldia, ameaças e insultos. Quanto às condutas de indisciplina que estariam relacionadas à sala de aula e à escola, Oliveira (2002) aponta “[...] a falta de limites, a desobediência às normas, o não saber ouvir, o desrespeito ao horário, a bagunça, a rebeldia, os assobios, as gritarias, brincadeiras, conversas, andar pela sala e agir de má fé.” Em relação à sala de aula e à escola, Lobato (2006) aponta a discriminação aos colegas e o preconceito para com a diferenças socioeconômicas em classe como uma violência simbólica.

Neste artigo procuraremos fazer uma breve reflexão sobre as manifestações turbulentas existentes no contexto educacional, presente dentro e fora da sala onde se presencia elevada incidência de conflitos, tensões, agressões, descontrole emocional, desordem.

Segundo estudos recentes (Galvão, 1992) o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado a uma série de aspectos ligados à prática pedagógica desenvolvida que muitas vezes não apresentam uma proposta curricular adequada.

Hoje frente às demandas apresentadas pela sociedade atual, faz-se necessário quebrar paradigmas e resignificar o papel da escola numa perspectiva com novas possibilidades de atuação.

2.1. GESTÃO ESCOLAR - PROJETO PEDAGÓGICO

Entende-se por projeto político pedagógico um conjunto de preocupações que venham direcionar o trabalho da escola, devendo o mesmo conter princípios e metas norteadoras como: visão de homem (que tipo de homem queremos formar) definições de papéis e ações dos diferentes seguimentos escolares.

Para que tais princípios e ações surtam efeitos desejados, faz-se necessário avaliação coletiva dos problemas apresentados no ano anterior.

A execução deste projeto possibilita a formação da inteligência emocional e intelectual dos indivíduos, para que no futuro eles possam atuar o mercado de trabalho com iniciativa desenvolvendo suas habilidades e aptidões em qualquer atividade que exercer, possibilitando a abertura de novos caminhos que levam os alunos a descobrir novas visões de mundo de relações sociais e de trabalhos, entre outros, sendo portanto esta proposta a de resgatar a identidade da escola.

A coletividade é o eixo norteador para toda e qualquer ação que a escola desenvolva em função do aluno.

O diretor enquanto gestor escolar tem por função: liderar o processo educacional, instituindo grupos de trabalho encarregados de estudar e propor alternativas de solução para atender os problemas de natureza pedagógica, administrativa e situações emergenciais.

O supervisor e orientador devem acompanhar o processo de ensino atuando junto aos alunos e pais no sentido de analisar os resultados da aprendizagem com vistas as suas melhorias. Devendo também promover e coordenar reuniões sistemáticas de estudos e trabalho para o aperfeiçoamento constante de todo pessoal envolvido nos serviços de ensino.

2.2. DISCIPLINA / INDISCIPLINA:

Aparentemente a questão de disciplina escolar é muito simples: “basta conseguir com que os alunos prestem atenção à aula”. Na verdade o problema é complicadíssimo, pois envolve a formação do caráter, da cidadania e da consciência do sujeito. No fundo está sempre a questão: que tipo de homem se quer formar? Por que alguém deve obedecer a outrem?

A questão da disciplina é bastante complexa, uma vez que um grande número de variedades influenciam o processo de ensino – aprendizagem. No entanto, apesar dessa complexidade, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que **sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo**. Resta saber o que entendemos por Disciplina...

“A disciplina pode ser entendida diferentemente segundo a tarefa do mestre é considerada como de puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerado como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimentos ou como um ser a formar para a vida”.

2.2.1. Conceito de Disciplina e Indisciplina

Conceitos de disciplina, “todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião constituir-se-ia em indisciplina. A indisciplina enquanto regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.)”, implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas.

- A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências

de opressões, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultura, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

A escola, como qualquer outra instituição, esta planificada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirma “quanto mais igual, mais fácil de dirigir”. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atitudes que esquadrinham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo ao seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo. Portanto, nem autoritarismo e nem abandono. O professor ocupa o seu lugar limitador, mas ele também abre brechas que permitirão ao aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar – escola e nós - alunos.

2.2.2. Concepções de disciplina a serem superadas

Numa primeira abordagem da disciplina, pode-se dizer que, em grandes linhas, disciplinar significa particionar do esforço civilizatório, e a escola nada mais faria que colaborar com esse este esforço geral. Ocorre, no entanto, que esta é uma visão idealista, uma vez, que na verdade, não existe civilização em grau, mas formas históricas de civilização, que no nosso caso corresponde ao modo capitalista de produção, com sua divisão em classes sociais antagônicas; por tanto, na nossa realidade, no sentido geral, disciplinar corresponde a adequação à sociedade existente; significa, pois, inculcação, domesticação, resignação à exploração, etc.

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realiza a sujeição constata de suas formas e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podem chamar as disciplinas”.

E, em princípio, é com este processo que a escola é chamada a colaborar, ou seja, participando do adestramento social às condições de exploração da lógica capitalista.

Sabemos que a escola é determinada socialmente, mas dentro de sua contradição, dentro de seu espaço de autonomia relativa, o que está fazendo? Para a formação de que tipo de sociedade está colaborando? Se o professor pensa simplesmente conseguir o silêncio de seus alunos para poder falar, está tendo uma visão muito estreita. O professor, por pressão, pode conseguir certas atitudes dos alunos, mas que se esvaem quando não estão mais em sua presença; trata-se de grande farsa colocada pelo sistema de educação: não se está preocupado com o futuro do educando, mas em apenas sobreviver como instituição ou como educador, não tendo de preferência, sua imagem muito abalada pelas eventuais falhas na disciplina (garantir a aparência).

Que conceito de disciplina tem a maioria dos educadores? Geralmente, disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que comporta-se como o professor quer. A questão que poderia ser colocada é a seguinte: que comportamento deseja o professor? Frequentemente, o desejo do professor é que o aluno fique quieto, ouça as explicações que tem para dar, faça direitinho os exercícios e pronto. Se isto acontecer, sentir-se-á realizado.

“... a representação de competência profissional está associada ao bom domínio de classe, seja ela obtido por métodos autocráticos, seja através de atitudes persuasivas”.

O conceito de disciplina associado à **obediência** está muito presente no cotidiano da escola, mais ou menos conscientemente; isto porque há uma verdadeira “luta em classe”, onde o professor está procurando sobreviver, num contexto de tanto desgaste. O trabalho do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí espera o comportamento dócil, passivo do aluno. É claro que está expectativa se coloca a partir do círculo de alienação em que se encontra onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a

comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com esperança de reencontrar assim o espaço vital que sente falta. Querendo resolver o problema, na verdade, acaba agudizando-o, já que se isola, não entra em efetiva comunicação com seus alunos, que passa a rejeitar – inconscientemente – sua postura. Este posicionamento é desumano, pois nega a existência do outro, tentando reduzi-lo a objeto. Nega o outro como sujeito. Há necessidade de se sair desse ciclo vicioso.

Diante disso, poderíamos questionar: onde fica o comportamento do professor (já que só se fala do comportamento do aluno) e o desejo do aluno (já que só se fala do desejo do professor)? Este seria um caminho relativo, apenas aparentemente crítico. Indo por aí, muito provavelmente, cairemos na educação liberal – espontaneísta, onde disciplina é seguir os impulsos, fazer o que tiver vontade. A responsabilidade é da classe (“Problema de vocês”; “eu já sei, vocês é que precisam aprender”; “quem não quiser assistir aula pode sair”, “vocês é que estão pagando”; etc.). O professor acaba tendo de recorrer sempre a este discurso, pois não convence ninguém.

Precisamos colocar o problema no seu devido lugar. Mais uma vez, a contradição comportamento/desejo do aluno X comportamento/desejo do professor é falsa. Não se trata de medir forças, nem estatutos, nem ver “quem pode mais”. Isto, aliás, é o que tem sido feito, infantilmente, por muitos professores. Trata-se, isto sim, de redimensionar o problema: a questão central não está na disputa professor X aluno, mas sim na **organização do trabalho coletivo em sala de aula** para se realizar a construção do conhecimento, a educação.

2.3. A Disciplina que desejamos

Ganhamos clareza da disciplina que não queremos: a autoritária ou espontaneísta. O desafio agora é vislumbrar – e concretiza – a superação de ambas...

O que almejamos em termos de disciplina? Buscamos construir uma nova disciplina “que deixe de ser as expressões das relações sociais alienadas. Basicamente, podemos dizer que o objetivo é conseguir o autogoverno dos sujeitos participantes do processo educativo, e dessa forma as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula (e na escola) onde haja o desenvolvimento autônomo e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Almejamos uma disciplina consciente e interativa marcada pela:

- Participação
- Respeito
- Responsabilidade
- Construção do conhecimento
- Formação de caráter e cidadania

“A disciplina (...) significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos

caprichos individuais, às veleidades desordenadas, significa, enfim, uma regra de vida. Além disso, significa, a consciência necessidade livremente aceita, na medida em que é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o fim proposto”.

A disciplina não deve ter fim em si mesma; deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno.

“... como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou que controlar quem dirigi”.

Ajudando a construir uma nova hegemonia, a hegemonia das classes populares. A realidade está sendo assim, mas pode ser mudada; a partir de experiências de mudança no microcosmo educacional, o aluno está se educando para a mudança social mais ampla. Experiência de não – poder, de impotência, repetida constantemente, vai levando a um estado de apatia, de descrença no mundo e na humanidade, facilitando, inclusive, o campo para a busca de subterfúgios (drogas, fanatismo político ou religião, misticismo, jogos de azar, etc.).

“Antes de tudo..., nossa disciplina deve ser sempre uma disciplina consciente. (...) Nossa disciplina como fenômeno moral e político, deve vir acompanhada de consciência, isto é, de uma noção do que é disciplina e para que a necessitamos”.

Freqüentemente, trabalha-se a disciplina de uma forma restritiva: dá-se muita ênfase aos limites, ao que “não pode”, em detrimento das possibilidades, do que se espera. É a disciplina do “Não”, “Não”, “Não”.

“Esta é a moral que consagra o que não deve fazer-se. Chamo a isto de disciplina de obtenção ou de inibição. Considero que a indisciplina na coletividade infantil deve ter um caráter: o impulso de avanço. Esta é a disciplina da vitória, disciplina da superação. (...) Podemos nos orgulhar da disciplina que chama adiante, que exige algo do homem, algo maior que a inibição”.

A disciplina, portanto, deve apontar os limites – como normalmente se faz –, mas também as possibilidades – geralmente esquecidas.

Numa visão dialética – libertadora, compreende-se que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com os outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio; podemos afirmar, para fraseando P. Freire: “Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade”.

O educador, num primeiro momento, pode assumir a responsabilidade pela disciplina, enquanto articulador de propostas, levando, no entanto, a classe a assumi-la progressivamente. Tem como parâmetro não a sua pessoa (“sua autoridade”), mas as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula.

Ocorre que a relação entre os homens podem ser alienadas, retificadas, codificadas, ou seja, os limites estabelecidos podem não corresponder às reais necessidades dos sujeitos, mas à necessidade de um ou outro, ou em apenas um grupo em detrimento dos demais. Desejamos muito, na escola e na sala de aula, a disciplina, a aceitação da proposta de trabalho; mas esquecemos que a resistência, a não concordância, ou pelo menos sua possibilidade, é um fator

fundamental para a sociedade não para, não se acomodar, não se submeter a eventuais tiranos. Quando se está sob a tirania, desejamos que as pessoas se rebellem, que se levantem contra, enfim, que se **indisciplinem**. Esta tensão entre adaptação e transformação, é constante. O sujeito precisa se adaptar a uma série de valores, costumes, praticas sociais, etc. que fazem parte de sua cultura, mas, ao mesmo tempo, deve estar atento para a necessária transformação destes valores, práticas, etc. naquilo que têm de desumano, de alienado, que precisa ser superado.

A disciplina consciente e interativa, portanto, pode ser entendida, como o processo de construção da auto – regulação do sujeito e/ou grupo, que se da na interação social e pela tensão dialética adaptação - transformação, tendo em vista atingir conscientemente um grupo.

Aparentemente, a questão da disciplina escolar é muito simples, “basta conseguir com que os alunos prestem atenção à aula”. Na verdade, o problema é complicadíssimo, pois envolve a formação de caráter, na cidadania e da consciência do sujeito. No fundo está sempre a questão: que tipo de homem quer se formar? Por que alguém deve obedecer outrém?

A questão da disciplina é bastante complexa, uma vez que um grande número de variáveis influenciam o processo de ensino – aprendizagem. No entanto, apesar dessas complexidade, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que disciplina não pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo. Nesta mesma perspectiva, H. WALLON; *Disciplina e Perturbações do Caráter*, in *Psicologia e Educação da Criança*, p. 367, argumenta que:

“A disciplina pode ser entendida diferentemente segundo a tarefa do mestre é considerada como do puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerado como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimentos ou como um ser a formar para a vida”.

A questão da indisciplina nas salas de aula é um dos temas que atualmente mais mobiliza professores, técnicos e pais, e em alguns casos até os alunos de diversas escolas brasileiras (publicas e particulares, de Ed. Infantil, de 1º ou 2º Graus) inseridas em contextos distintos. Entretanto apesar de se objeto de

crescente preocupação no meio educacional, este assunto é de modo geral superficialmente debatido. Neste artigo, segundo a reflexão do psicólogo russo Levi Semenovich Vygotsky, autor interessado em compreender a gênese do psiquismo humano em seu contexto histórico – cultural. Sem pretender apresentar uma síntese que faça justiça à complexidade e a abrangência da obra vygostskiana, nos limitaremos àqueles aspectos que tem especial relevância para a análise do tema em pauta. O próprio conceito de indisciplina como toda criação cultural, não é estática, uniforme, nem tampouco universal.

Indisciplina pode ser uma manifestação de muitas coisas diferentes; a expressão de um mal estar interior; a tentativa de dissolver o grupo turma, porque aquele aluno necessita de estabelecer uma relação pessoal e única com o professor; uma forma de boicote às atividades da sala, porque esta não lhe interessa ou porque se julga incapaz de as realizar com sucesso; uma forma de mostrar a sua revolta e a sua desconfiança perante os adultos, sendo o professor o que está mais perto e acessível; uma vontade de medir forças porque se está a crescer e há necessidade de afirmação; uma oposição pelo fato de ser forçado a estar ali, a aprender, quando lhe apetecia muito mais fazer outras coisas e estar com outras pessoas; uma maneira de forçar o professor a negociar novas regras, porque ele é só um e os alunos são muitos, se eles se unirem todos, têm imensa força; uma falta de projeto de vida, que passa pela escola.

Os professores são confrontados com casos de indisciplina que tem de saber resolver. Mais importante ainda; são as atitudes dos professores que podem evitar muitos dos casos de indisciplina. Respeitando os alunos, discutindo com eles as regras da escola e fazendo-os partilhar as decisões a tomar, criando um bom clima de trabalho e uma relação menos desigual. Tentando compreender o que provoca um determinado comportamento e arrançando formas de evitar. Pedindo acompanhamento de técnicos especializados para os casos mais complicados que já ultrapassam aquilo que pode solucionar com as suas atitudes em sala de aula, que irão se agravar se aquele aluno apenas for confrontado com medidas punitivas, as quais se sente incapaz de responder.

2.4 Respeito, Direitos e Deveres:

A aprendizagem do **respeito** – aos colegas, professores e funcionários, normas estabelecidas coletivamente, material escolar, etc., – é uma das tarefas fundamentais que se coloca hoje aos educandos. Estudos da psicologia revelam que o respeito ao outro passa pela construção do respeito para consigo mesmo.

É preciso, no entanto, resgatar aqui a dialética **Respeito x Transgressão**. O que isso quer dizer? O “respeito” pode ser evocado pelos educadores de uma maneira conservadora, autoritária, levando ao conformismo. Para evitar isso, o sujeito deve estar atento à legitimidade do que é proposto, questionando, se rebelando com os **limites que são injustos, arbitrários**. Não se trata de individualismo, de infantilismo, de cada um fazer o que quiser, o que “der na telha”. Trata-se de pertencer a alguma comunidade de princípios éticos, buscando autonomia.

Formação da cidadania só pode se dar num contexto de exercícios de **direitos e deveres**. Os alunos devem **participar** ativamente na elaboração das normas. Saber trabalhar com limites. **Avaliar** as normas através de assembléias de classe e/ou dos representantes de classe junto a orientação, coordenação e direção.

“Os direitos e os deveres de cada um. Todos nós temos nossos direitos e deveres e precisamos cumpri-los.

O aluno tem o direito de reclamar da matéria mal explicada, mas também tem o dever de prestar atenção na aula.

Tem o direito de reclamar da sala suja, mas também tem o dever de conserva-la limpa.

Tem o direito de conversar baixo na classe, mas também tem o dever de não levantar a sua voz.

Tem o direito de exigir respeito da professora e dos colegas, mas tem o dever de respeitar também.

Esses são alguns exemplos de dos nossos direitos e deveres que, com certeza devem ser cumpridos...não só na escola, mas também em casa, na rua ou lugares desconhecidos.”

2.5. Por parte da família / Estilos Básicos:

Em casa, como na escola, também há modos diferentes de promover a disciplina. As autoras M. C. Moreno e R. Cubero identificam três estilos básicos que a família tem para lidar com a disciplina:

– Pais autoritários

Pouco afetuosos e comunicativos, bastante rígidos, controladores e exigentes, com padrões rígidos de conduta. Os filhos devem obedecer às ordens preestabelecidas, mesmo que as não compreendam. Diante da transgressão, os pais ameaçam e infligem castigos físicos. Seus filhos costumam ser obedientes, organizados, mas também tímidos, com pouca autonomia e baixa auto – estima.

– Pais permissivos

Valorizam o dialogo, o afeto, interessam-se muito pela opinião da criança. Mas, como têm grande dificuldade em exercer qualquer controle sobre ela, cedem a todos os seus caprichos. Não estabelecem limites e não costumam exigir responsabilidades dos filhos. Por isso, apesar de alegres e dispostas, essas crianças são em geral, impulsivas e imaturas e não conseguem assumir obrigações.

– Pais democráticos

São os mais equilibrados. Demonstram alto nível de comunicação e afeto, estimulam os filhos a dar suas opiniões, são flexíveis, mas conseguem fixar limites e regras claras, bem explicadas. Seus filhos tem maior auto – controle, auto – estima, iniciativa e sociabilidade.

2.5.1. Em Relação a própria família:

- Readquirido a pratica do **diálogo**. Na pratica cotidiana das famílias de hoje, sabemos que um dos grandes entraves para o dialogo é o “vício televisivo”: simplesmente – por comodismo. alienação e/ou medo – nos deixamos levar pelo programas de televisão, um após o outro, de forma que podemos observar famílias inteiras que passam horas frente à TV quase sem trocar palavras significativas. Diante disso, é importante sermos capazes de impor limites e estabelecer horários para desligar a televisão (ainda que alguns minutos, inicialmente), para “reunião de família”.

- Ajudarem os filhos a terem uma **postura crítica** diante dos meios de comunicação (consumismo, contravalores, exploração da sexualidade, mentira do sistema, etc.).

- Ajudarem os filhos a pensarem sobre o **sentidos da vida**: viver para que? Para se “esperto”, para levar “vantagem em tudo”? Para se rico? Para “subir na vida a qualquer custo”? Sem uma perspectiva, sem um conjunto de valores, sem um projeto de vida, corre-se o risco de se cair no “vale – tudo”: oportunismo, violência, desânimo, drogas, suicídio. Para muitos pais a opção que se coloca em relação ao destino de seus filhos é o seguinte: ou o filho vai ser brilhante, o melhor, o primeiro, o mais esperto para conseguir se sai bem na vida, ou será um perdedor, um “Zé ninguém”, um eterno subalterno, desqualificado, explorados pelos outros, etc. Há que se perceber a possibilidade de uma nova perspectiva,

que supera dialeticamente as duas anteriores: ser uma pessoas **competente** e ao mesmo tempo **solidária**, comprometida com a transformação social.

- **Não acobertar os erros** dos filhos.

- **Acreditar** nas possibilidades do filho. Quando ele comete um erro lembrar de Santo Agostinho: “Odeie o erro, mas ame o pecado”.

- Desenvolver em casa uma “pedagogia da participação” (nas decisões, nas

despesas, nos trabalhos domésticos). Distribuir tarefas, atribuir responsabilidade, ao invés de fazer pelos filhos (mesmo que no começo não façam tão bem ou tão rápido como desejaríamos).

- Não se sentir inferiorizado(a) por ter **conflitos** na família: a imagem que se passa de família ideal (mar de rosas) é falsa, não corresponde à realidade, o importante é saber enfrentar os conflitos, as contradições, e não camuflá-los.

- Não se sentir culpado(a) por ficar **pouco tempo** com o filho, por ter que trabalhar muito para sustentar a casa. Lembrar que o importante é a qualidade de tempo que se fica com o filho.

- Paralelamente, há necessidade da família **abrir-se**, comprometer-se com a luta para que todas as famílias tenham condições dignas de existência: emprego, salário, habitação, saúde educação (creche, escola, universidade), lazer.

2.5.2. Em relação aos limites:

- Superar a **oscilação** entre a permissividade (“tudo pode”, omissão) e o autoritarismo (“nada pode”, norma pela norma).

- **Estabelecer e cumprir limites.** Percebemos hoje duas realidades contraditórias nas famílias: ou a ausência de regras, ou a imposição autoritária de normas. Muitas vezes, por um medo interno de não serem aceitos, os pais acabam não estabelecendo e/ou não fazendo cumprir os limites, levando a uma relação muito permissiva. Outras vezes sentindo a necessidade de fazer alguma

coisa, mas não tendo clareza, acabam impondo limites, sem explicar a razão. A superação desta situação pode se dar pelo diálogo, com afeto e segurança, chegando a limites razoáveis. Assim sendo, tem-se condições de não ceder diante da insistência infantil (“manha”) ou da chantagem emocional.

2.5.3. Em relação à escola:

- A família deve **valorizar** a escola e o estudo: superar a visão da escola como “mal necessário” para a ascensão social.
- Não sufocar a **curiosidade** da criança; estimular o gosto pelo conhecimento.
- **Acompanhar** sempre a vida escolar e não apenas quando o filho tem “nota vermelha”. Ainda existem pais que diante dos resultados não satisfatório na escola, ameaçam ou chegam mesmo a espancar fortemente os filhos. Com isto, não resolve o problema e ainda cria uma enorme barreira com as crianças. Se a criança está indo mal, é preciso ver qual a causa; para isso a receita mágica: diálogo.
- Encarar a avaliação como parte do processo educativo. Muitas vezes, os pais são os primeiros a darem destaque à avaliação, enchendo os filhos de perguntas sobre as datas das provas, sobre a matéria que vai cair, pressionando-os, montando esquemas especiais, ligando para outras mães, etc. Procurando mostrar que se a criança se preocupa em **aprender efetivamente**, a nota virá como consequência natural, ao passo que a recíproca não é verdadeira: se ficar preocupado com nota, acaba decorando, portanto não aprendendo, correndo serio risco ainda de não conseguir nem a nota, em função da insegurança e do estado emocional no momento da avaliação.
- Não comparar nota de um filho com outro, nem como os filhos do vizinhos; cada sujeito deve ser comparado a si mesmo.

- Supervisionar o estudo dos filhos (horário, local, material, etc.); ajudar a criar uma sistemática diária de estudos. Não fazer os deveres por eles.

- Quando solicitado a ajudar no estudo, procurar chamar atenção ao que é fundamental, ao que é mais significativo; não fazer “questionário” para o filho decorar perguntas e respostas. Orientar para que a criança se preocupe em **compreender** o que estuda e não em decorar.

- Estar preocupado com a **qualidade** do ensino e não só com a quantidade.

- **Apoiar as mudanças** da escola; não ficar com saudosismo: “no meu tempo...”

- **“Participar da vida da escola** (Conselho da Escola, APM, reuniões grupos de mães, grupos de reflexões, acompanhamento de alunos, reforço escolar, etc.). Os profissionais pais podem colocar sua especialidade à serviço da escola (ex.: pais médicos, professores, pedreiros marceneiros, esportistas, artistas, psicólogos, advogados, nutricionistas, dentistas, engenheiros, eletricitas, encanadores, pintores, etc.). Exigir um ensino democrático e de ótimo nível. Procurando superar a contradição disciplina domésticas e disciplina escolar (Ter valores comuns: respeito, verdade, justiça, liberdade, busca de bem comum, diálogo, etc.)

- No caso da **dúvida** ou **conflito** em relação a atitude da escola, procurar primeiro esclarecer com quem é de direito na própria escola, antes de fazer comentários depreciativos com os filhos,. A participação ativa e consciente dos pais ajuda a escola a cumprir melhor seu papel: no entanto, a intromissão apressada, irrefletida pode causar sérios danos. Quantas vezes não ficamos indignados com algo que o filho relata e, quando vamos verificar, foi apenas um mal entendido.

2.6 Por parte da sociedade:

Governantes, parlamentares, aparelho jurídico e policial, exércitos, empresários, movimentos populares, associados da sociedade civil, etc., podem colaborar com a disciplina na escola.

- **Democratização** política e econômica; justiça social; salários mais dignos;

melhores condições de habitação, saúde, educação, transporte, segurança.

- Desenvolver uma **nova ética social**, onde se resgata o valor do bem comum.

- **Valorização da educação** e dos profissionais da educação.

– Desenvolver uma **nova política para os meios de comunicação**, de modo que os movimentos populares e as organizações da sociedade civil possam efetivamente Ter espaço para expressarem-se.

- **Outra mediações**: saber votar, participar do sindicato, não comprar o que é supérfluo.

A efetiva de uma disciplina democrática na escola depende, em última instância, de democratização da sociedade. Os educadores devem se comprometer com o processo de transformação da realidade, alimentando um **projeto comum de escola e de sociedade**.

2.6.1. Perspectivas de ação / Relatos de experiência

As causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor, Aluno. Estes níveis são apontados mais para uma orientação da investigação, para facilitar o estudo e para não se perderem de vista os diferentes fatores da interferência; no entanto, é preciso tomar cuidado com uma certa tendência de ver estes aspectos isoladamente um dos outro; na realidade estão profundamente entrelaçados. A questão que deve

ser colocada é sobre o grau de importância ou de determinação de cada um desses níveis. Onde se encontra o núcleo do problema da disciplina? No professor? Na escola? Na família? Na sociedade?

Evidentemente, enquanto determinação mais geral, entendemos que a raiz do problema encontra-se na atual forma de organização da sociedade, base de todas as outras indisciplinas.

Ocorre, entretanto que esta determinação mais geral não concretiza por si só, qual seja, ela é concretizada pela mediação dos diferentes agentes (professores, pais, alunos, diretores, instituições governamentais e não governamentais etc.) Esta tomada de consciência abre espaço para a luta, a resistência, a busca de uma contra determinação, podendo assim colaborar com a disciplina na escola, comprometendo-se

Com:

- Democratização: nova ética social.
- Valorização na educação.
- Nova política para os meios de comunicação
- Projeto comum da escola e da sociedade entre outras mediações.

Estratégia utilizadas pelas escolas e pais frente as atitudes indisciplinares dos alunos.

O que esta sendo feito para proporcionar a construção da disciplina na escola e na família?

A escola enquanto equipe pode colaborar para construção da disciplina através de práticas concretas.

Relataremos agora alguns depoimentos de escola enfatizando a sua filosofia de disciplina:

1º Esc. Est. Polivalente (Curitiba Pr.) De acordo com relatório e o prof. Carmeli Augusto – Diretor.

Inicialmente repressora, passou por uma fase de liberdade total e hoje pratica uma disciplina voltada para a responsabilidade, com limites claros. tudo que se faz na escola é discutido com os alunos.

Existe bastante comunicação com os pais que, em sua maioria, cooperam e participam das decisões.

2º Escola Lourenço Castanho (São Paulo – SP) Segundo Sylvia Figueiredo Gouveia – Diretora e coordenadora de 5ª a 8ª.

Em caso de indisciplina, é encarada com ato inadequado, buscam-se à exaustão os motivos que levaram o aluno a tal conduta.

Em casos extremos há punições: advertências, perda de pontos e até suspensão. Mesmo assim o aluno é acompanhado, investigam-se os motivos até a raiz, o que inclui o diálogo com os pais.

CIEP – Margareth Mee (Rio de Janeiro- RJ.) Seg. Ana Lúcia Carneiro Lucchini – Coordenadora.

Uma conquista, uma produção, sem rigidez. O Aluno cumpre e respeita as regras porque ele mesmo as formulou no início do ano e, quando necessário e consensual, constroem-se novas regras mesmo as regras entre os professores são permanentemente construídas e reconstruídas. Como os alunos costumam chegar à escola exibindo uma personalidade muito agressiva, é preciso fazer um acompanhamento constante, além de reuniões para que aceitem e entendam o grupo. São essas muitas correntes e nesses sentido, a prática da disciplina envolve também demonstração de afeto.

Centro Educacional Jean Piaget (São Bernardo- SP).

Seg. Leonor Marcolino Estival – Coordenadora pedagógica.

Respeito e solidariedade ; quando aluno erra conversa-se com ele e pede-se que reflita até entender que errou. Em casos mais sérios, chama-se os pais.

3 Conclusão

Por meio deste trabalho concluiu-se que a indisciplina em sala de aula é um assunto muito complexo, ambíguo e divergente. Envolve não somente a comunidade escolar, mas a família e a comunidade como um todo.

A partir desta pesquisa observamos que a indisciplina não pode ser vista de maneira abstrata e nem ser revertida só com boas intenções. É necessário que a escola seja comprometida de fato com a socialização do saber elaborado, com a melhoria da qualidade do ensino e , portanto uma escola preocupada com a formação do homem atual, em relação a sua época e comprometida com a construção de uma sociedade igualitária.

Não existem regras ou receitas a serem seguidas e não podem existir, pois não há um consenso entre os conceitos de indisciplina, depende do momento histórico e dos fatos sociais, econômicos e emocionais de cada indivíduo.

Diante de todo estes questionamentos sugere-se algumas propostas que possam amenizar a questão a questão indisciplina na escola:

- A família tem de cumprir a sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória, ou seja, estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos;
- A escola precisa investir no trabalho de formação e conscientização dos pais. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e a escola;
- A escola deve investir prioritariamente na formação permanente e em serviço do professor, para que possa Ter melhor compreensão do processo educacional e métodos de trabalho mais apropriados;
- Professores preparar melhor suas aulas, aprofundando-se com clareza nos seus objetivos com renovação metodológica os conteúdos com as necessidades dos educandos.
- Valorizar o aluno como indivíduo pensante e racional, levando em consideração sua formação e o meio em que vive, proporcionando a ele um agente ativo transformador da sociedade.

BIBLIOGRAFIA (utilizada no trabalho)

AQUINO, Júlio Goppa. Indisciplina na Escola: Alternativas e Práticas. São Paulo, 1996 – 148 p.

BOARINI, Maria Lúcia. Indisciplina Escolar: A Queixa da Atualidade.

CÉSAR Margarida. Jornal a Pagina de Educação. Universidade de Lisboa.

JUSTEM, Chloris Casagrande. O estatuto da criança e a instituição escolar. Curitiba: Secretaria do Estado e da Educação, 1993. 7 p.

REVISTA ESCOLA. Indisciplina, Como lidar com ela? n.º 113 p. 35 à 36. 58 p.
novaescola@email.abril.com.br

TIBA, Içami. Disciplina: O limite na medida certa. São Paulo, 193 p.

VASCONCELOS, Alison dos Santos. Avaliação: Concepção dialética. Libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo, 1994.

Referências (pesquisa)

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar**. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares**. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita

Amélia Teixeira (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ARAÚJO, Elaine Sampaio; MOURA, Oriosvaldo de. **A aprendizagem docente na perspectiva histórico-cultural**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28., 2005. Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2005. p. 1-16. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt08.htm> . Acesso em: 7 out. 2009.

ARAÚJO, Ulisses F. **O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal**. Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 2, fev. 2001.

ARROYO, Miguel G. **Fracasso escolar: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Org.). Para além do fracasso escolar. 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27., 2004, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2004. p. 1-15. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt20/t207.pdf> . Acesso em: 7 out. 2009.

BORSATTO, Cláudia Roberta; ANDRADE, Antonio dos Santos. **Assessoria a professores de 1ª e 4ª séries visando o desenvolvimento do profissional reflexivo a partir dos princípios do psicodrama pedagógico (resultados preliminares)**. Revista Brasileira de Psicodrama, São Paulo, v. 8, n. 2, 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm . Acesso em: 9 out. 2009.

COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. **Introdução**. In: VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLLARES, Cecília A. L.; MOYSÉS, Maria Aparecida. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Um crítico da instituição escolar**. In: Revista Nova Escola. São Paulo: Fundação Victor Civita. 191ª ed, Ano XXI, Abril/2006.

FRAGELLI, Patrícia Maria. **Estudo sobre o processo de construção do trabalho docente e questões relacionadas à disciplina e indisciplina na escola de Educação Infantil**. 2000. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2000.

LIMA, Maria do Socorro Martins. **Silêncio e/ou participação? A questão da disciplina na concepção e na prática de professoras da 1ª série do ensino fundamental**. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

LONGAREZI, Andrea Maturano. **Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos das séries finais do Ensino Fundamental**. 2001. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2001.

LÚRIA, Alexander Romanovitch. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 1994.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. **O sujeito e as normas: as práticas discursivas na instituição escolar**. 2001. 129 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2001.

OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. **Práticas de disciplinarização e de não disciplinarização dos corpos infantis no início do ensino fundamental: uma análise sobre o uso do espaço**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 25., 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/25/lucianealvesoliveirat13.rtf> . Acesso em: 9 out. 2009.

PAPPA, João Segura. **A (in)disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental**. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PEREIRA, Maria José de Moraes. **Disciplina-disciplinamento: da vara de marmelo à cadeirinha de pensamento**. 2003. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido; Ghedin, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal de aluno e professor.** In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de;

REGO, Teresa Cristina. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vigotskiana.** In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. **Concepções e alertas sobre formação continuada de professores de química.** Química Nova na Escola, São Paulo, v. 16, p. 15-20, nov. 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais.** Cadernos CEDES, Campinas, v. 20, n. 50, p. 26-40, 2000.

SZENCZUK, Dorotéa Paschnuki. **(In)Disciplina Escolar: um estudo da produção discente nos programas de pós-graduação em Educação (1981-2001).** 2004. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. 155.

VITALIANO, Celia Regina. **Percepções e práticas de uma professora de ciclo básico em relação a alunos com bom e mau rendimento escolar.** 1993. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1993.

XAVIER, Maria Luiza M. de Freitas. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios.** In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO

NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26., 2003, Poços de Caldas. Anais... Poços de Caldas: ANPEd, 2003. p. 1-17. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm> . Acesso em 7 nov. 2009.

YASUMARU, Vital Toshio. **Comportamentos de indisciplina: um estudo com a 4ª série do ensino fundamental**. 2006. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Pau